Perfil psicológico do atleta *

JOSÉ LUIZ HESKETH **

1. Introdução; 2. Fatores psicológicos; 3. Hipóteses da pesquisa; 4. Metodologia; 5. Resultados; 6. Conclusões.

1. Introdução

A idéia da predição do desempenho atlético através da medida de fatores psicológicos não é recente. De fato, Griffith, apontado por alguns, entre os quais Kroll e Lewis (28), como o primeiro psicólogo esportivo, desenvolveu pesquisas desde 1918 procurando, entre outras coisas, identificar os fatores psicológicos relacionados com o desempenho atlético.

Mais recentemente, diversos autores, tanto europeus quanto norte-americanos, têm destacado a importância dos fatores psicológicos como determinantes do comportamento atlético (31, 5, 7) e apontam a grande contribuição que o conhe-

* O autor deseja expressar seu agradecimento ao Sr. Geraldo Rabelo e Sra. Marília P. L. de Castro, do Departamento de Educação Física e Desporto do MEC, pela sua prestimosa colaboração na coleta dos dados. Também deseja agradecer ao Dr. Luiz Pasquali pela colaboração no levantamento bibliográfico e ao Dr. Robert Simmons pela valiosa ajuda na análise dos dados.

** Do Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília.

cimento desses fatores pode trazer para o aumento do rendimento atlético através de técnicas mais eficazes de seleção e de treinamento do atleta (16, 44, 17, 12, 13).

Os fatores psicológicos que têm sido estudados em relação com o desempenho atlético podem ser classificados em seis tipos: fatores de personalidade, fatores motivacionais, necessidade de realização (ou de sucesso), fatores de ajustamento psicológico, fatores intelectuais e outros (aptidões específicas, percepção, outras variáveis). A literatura pertinente será examinada a seguir conforme o esquema apresentado acima, ou seja, conforme essas seis áreas.

2. Fatores psicológicos

2.1 *Fatores de personalidade*

Existem diversas pesquisas que investigaram a relação entre fatores de personalidade e o desempenho atlético. O estudo de Ogilvie e Tutko (38) é talvez o mais amplo realizado até então. Eles testaram 15 mil atletas de diversas modalidades esportivas. Seus resultados indicam que existe uma personalidade esportiva com as seguintes características: *a*) alta motivação de realização; *b*) dominância; *c*) respeito por autoridade; *d*) capacidade de confiar, autocontrole e baixa ansiedade; e *e*) habilidade maior que a média para expressar agressão. Uma conclusão importante desse estudo é que um padrão inadequado de personalidade pode anular a habilidade.

Fletcher (19) e Fletcher e Dowell (20) verificaram que atletas tendem a apresentar mais necessidade de afiliação, maior agressividade, maior dominância, maior exibição, e menos ordem. Williams e outros (49) observaram que esgrimistas tendem a ser reservados, auto-suficientes, autônomos, pouco afiliativos, com grande necessidade de realização, inteligentes, seguros, agressivos e dominantes. Ogilvie (37) demonstrou que o atleta tende a ser autônomo, motivado por realização, seguro, e direto. Esses três estudos confirmam em suas linhas gerais os achados de Ogilvie e Tutko (38).

Diversos outros estudos têm encontrado características de personalidade diferentes entre atletas e não-atletas, como os de King (26), Mushier (32) e Hendry (23 e 24). Hardy (21), Nias (36) e Williams (47) verificaram que a extroversão está associada ao desempenho em natação. Nagy (34) observou que jogadores de basquetebol tendem a apresentar caráter estênico (rígido). Williams (50) verificou que jogadores de futebol americano possuem características de personalidade diferentes conforme a posição em que jogam. Straub (42) encontrou diferenças de personalidade entre equipes diferentes de futebol americano que, todavia apresentavam padrões determinados. Dayries e Grimm (14) perceberam diferenças entre mulheres atletas e não-atletas em duas variáveis: as atletas tiveram resultado menor no fator ordem e maior no fator intracepção.

Contudo, alguns estudos chegam a resultados negativos. Higgs (25) não encontrou diferença entre atletas e não-atletas no tocante a personalidade e motivação. Rushall (40) não conseguiu relação entre traços de personalidade e níveis de desempenho em futebol americano. Kroll e outros (29) encontraram poucas diferenças significativas entre 20 modalidades esportivas no tocante a personalidade dos atletas. Fletcher (19) e Wendt e Patterson (45) também relatam resultados em que, apesar de diferenças entre atletas e não-atletas, essas diferenças são pequenas e não-significativas.

2.2 *Fatores motivacionais*

Antonelli (4) distingue três tipos de desportistas: *a*) os que praticam esporte por diversão; *b*) os que tentam usar o esporte para promoção social e econômica; e *c*) os que praticam o esporte profissionalmente. Segundo Antonelli, cada uma dessas categorias apresenta características motivacionais diferentes. Mas, de modo geral, os principais motivos dos atletas, segundo Antonelli, são: *a*) necessidade de estar no topo, auto-estima exagerada; *b*) forte desejo de auto-afirmação; *c*) tendências agressivas acentuadas.

Nagy (33) classifica os motivos, conforme o seu agente deflagrador, em internos e externos. Ele verificou que, a partir dos 13 anos de idade, os indivíduos tendem a escolher um tipo de esporte ao invés de outro baseados em motivos intrínsecos e que só mantêm essa escolha se forem gratificados por um agente externo (motivo extrínseco).

2.3 *Necessidade de realização*

A motivação de realização é fruto da teoria da realização de McClelland e Atkinson. Segundo essa teoria, em qualquer situação de desempenho, o indivíduo tem o desejo, não só de ser bem sucedido, como também de evitar o fracasso. Uma das características básicas de um indivíduo com alta necessidade de realização é a busca permanente do sucesso em termos de excelência de desempenho, Willis e Bethe (51) examinaram as implicações da teoria de realização para o estudo de atividades físicas e concluíram que é um modelo válido.

Os estudos de Ogilvie (38) e Williams (47), já mencionados, encontraram evidência de que o atleta tende a ter alta necessidade de realização, confirmando a tese de McClelland e Atkinson. Allmer (2) classificou um grupo de atletas em três subgrupos segundo as dimensões de realização: nível de aspiração e orientação para sucesso. Seus resultados confirmam de modo geral a teoria da realização.

2.4 *Fatores de ajustamento psicológico*

Bhullar (6) relata um estudo onde encontrou diferenças marcantes entre atletas e não-atletas no tocante ao ajustamento psicológico. Abolin (1) observou que a estabilidade emocional do atleta depende do valor e da intensidade das emoções que acompanham a atividade atlética. Ele verificou ainda que os melhores atletas apresentam emoções intensas e positivas. Em um estudo já mencionado, Ogilvie (37) verificou que atletas apresentam menos ansiedade e um senso de realidade maior que não-atletas. Burton (8) menciona um estudo onde encontrou uma relação negativa entre ansiedade e desempenho com rifles, mas não obteve nenhuma relação com desempenho em boliche.

Butt (9) apresenta um estudo com três casos, nos quais um serve para ilustrar a história de um atleta motivado pela agressão. Russell (41) relata uma pesquisa pela qual verificou que a agressividade estava positivamente relacionada com desempenho em *hockey*. Os estudos já mencionados de Antonelli (4), Williams (47) e Fletcher (18 e 19) verificaram que a agressividade estava associada com desempenho atlético superior. Zillman e outros (53) e Lowe e Sani (30) alcançaram resultados que não apóiam a hipótese de que a agressividade está associada com desempenho atlético superior.

2.5 *Fatores intelectuais*

Carvalhaes (10) observou que atletas profissionais de futebol apresentaram resultados superiores em um teste de inteligência comparados a indivíduos de outros sete grupos vocacionais. Nagy (34) não encontrou correlação entre desempenho atlético e QI de jogadores de basquetebol. Dowell e outros (15) verificaram que os melhores atletas tinham médias escolares mais altas que os atletas medíocres, mas a correlação entre as duas variáveis não foi significativa.

2.6 *Outros fatores*

Worthy e Markle (52) notaram que atletas negros têm desempenho superior a atletas brancos em esportes reativos, em contraste com esportes cujo ritmo depende do atleta mesmo. O fator racial pode, assim, ser um determinante do desempenho atlético.

Nagykaldi (35) apresenta um estudo em que o tempo de reação e o tempo de ação são utilizados como preditores do desempenho atlético. O tempo de ação revelou maior correlação com desempenho que o tempo de reação.

Higgs (25) verificou que bons atletas apresentavam nível mais elevado de habilidade motora do que atletas medíocres.

Heaps (22) examinou o papel da autopercepção do indivíduo como variável moderadora entre as características de personalidade e desempenho atlético. É uma contribuição interessante, sem dúvida.

Russel (41), em estudo já citado, e Thurber e outros (43) utilizaram a medida de personalidade de Rotter que indica o *locus* de controle interno ou externo (*I-E*). Russell encontrou correlações entre a variável *I-E* e agressividade, enquanto Thurber e outros acharam correlações entre essa variável e o desempenho de jogadores de basquetebol negros.

White (46) apresentou um estudo bastante interessante no qual discute a possibilidade de que fatores PES-telepatia, precognição e psicocinese podem algumas vezes atuar de modo a produzir melhor desempenho em atividades esportivas.

Williams (48) verificou que esgrimistas são mais independentes do campo que não-atletas. Todavia, essa medida não apresentou correlação com níveis diferentes de desempenho.

3. Hipóteses da pesquisa

Este trabalho teve por finalidade verificar a existência ou não de fatores psicológicos que discriminassem atletas de não-atletas, e mais ainda, que discriminassem os atletas conforme seu nível de desempenho individual. Portanto, esses objetivos poderiam ser traduzidos em hipóteses assim formuladas: I. existem diferenças psicológicas mensuráveis entre atletas e não-atletas; II. existem diferenças psicológicas mensuráveis entre atletas com níveis de desempenho diferentes.

Além dessas duas hipóteses gerais, foram formuladas outras mais específicas, baseadas nos achados experimentais já examinados: III. as variáveis agressividade, dominância, necessidade de realização, e auto-suficiência devem estar associadas positivamente com desempenho; IV. as variáveis ansiedade, instabilidade, insegurança, a necessidade de afiliação devem estar negativamente relacionadas com desempenho; V. a variável inteligência não deve estar associada com desempenho atlético.

4. Metodologia

As variáveis independentes consistiram em 36 fatores psicológicos e quatro variáveis biográficas. Dentre os fatores psicológicos, haviam 16 variáveis de personalidade, 12 fatores motivacionais, 1 fator intelectual e 7 indicadores de ajustamento psicológico. As variáveis biográficas eram: idade, sexo, escolaridade e região.

A variável dependente foi o desempenho atlético numa competição intercolegial de nível racional.

4.1 *Instrumentos de medida*

As variáveis de personalidade foram medidas através do Teste 16 PF (11). Este instrumento é consagrado e foi usado por diversos dos investigadores citados anteriormente.

As variáveis motivacionais foram medidas através do Teste Inventário de Interesses (3) e de uma forma reduzida do TAT (27). O TAT, que também tem sido empregado por diversos pesquisadores, foi utilizado especialmente para medir as variáveis necessidade de realização e necessidade de afiliação.

O fator intelectual foi medido através de um teste de inteligência geral bastante utilizado no Brasil: o Teste das Matrizes Progressivas (39).

Os fatores de ajustamento psicológico foram mensurados por um conjunto de três testes expressivos conhecido como HTP. Estes testes consistem no desenho, em folhas brancas separadas, de uma casa, uma árvore e uma pessoa.

A variável dependente foi obtida através de uma medida combinada resultante da colocação final do atleta, em uma competição, multiplicada pela avaliação de seu técnico indicando sua posição (ordinal) na equipe. Portanto, valores pequenos nessa variável indicam desempenho superior, enquanto que valores maiores indicam desempenho inferior.

4.2 *Amostra*

A amostra consistiu em 200 atletas, escolhidos aleatoriamente dentre os quase 3 mil participantes dos VII Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs), realizados em julho de 1975, em Brasília. Compunha-se de atletas de 10 diferentes modalidades, assim distribuídos: *handball* – 40; basquete – 36; vôlei – 29; natação – 15; atletismo – 50; ginástica – 05; pólo – 09; judô – 09; salto – 03; xadrez – 04. Do total de 200 atletas testados, 75 eram do sexo masculino e 125 do sexo feminino, com idades que variaram entre 12 e 18 anos, e valor médio de 16,29.

4.3 *Procedimento*

A testagem durou duas semanas, coincidindo com o período de realização dos JEBs. Os sujeitos foram testados em grupos de 20, em média. As sessões duravam cerca de três horas. A ordem de aplicação dos testes foi modificada a cada sessão para evitar que qualquer efeito decorrente desse fator pudesse afetar os resultados.

5. **Resultados**

A tabela 1 – Sumário de estatística descritiva – apresenta as médias, desvios-padrões e erros-padrões das médias de todos os fatores psicológicos investigados.

Tabela 1

Sumário de estatística descritiva

Fator psicológico	Norma			Amostra			*t*	*p*	%
	$\bar{X}$			$\bar{X}$					
Interesse (Angelini):									
física	–	–	–	9,75	3,75	0,265	–	–	–
biologia	–	–	–	10,88	4,15	0,294	–	–	–
cálculo	–	–	–	7,17	3,52	0,249	–	–	–
persuasão	–	–	–	5,13	2,60	0,184	–	–	–
burocracia	–	–	–	5,34	3,57	0,253	–	–	–
social	–	–	–	9,97	4,31	0,305	–	–	–
literatura	–	–	–	7,81	3,78	0,268	–	–	–
arte	–	–	–	7,62	3,51	0,248	–	–	–
música	–	–	–	6,77	4,41	0,312	–	–	–
Inteligência (Raven)	45,0	–	–	42,42	9,42	0,667	–	–	–
Motivação (TAT):									
realização	–	–	–	2,73	1,65	0,117	–	–	–
poder	–	–	–	1,11	1,19	0,085	–	–	–
afiliação	–	–	–	2,17	1,59	0,112	–	–	–
Personalidade (16 PF):									
reservado–expansivo	8,1	3,1	0,095	8,30	2,73	0,193	0,93	0,05	–
menos inteligente–mais inteligente	7,6	2,1	0,064	5,91	2,41	0,171	9,29	0,01	–
sensível às impressões afetivas–emocionalmente estável	16,7	3,6	0,110	15,96	3,61	0,256	2,65	0,01	–
humilde–afirmativo	14,1	4,1	0,125	14,21	3,83	0,271	0,37	0,05	–
sábio-despreocupado	12,7	3,9	0,119	13,94	3,93	0,278	4,11	0,01	–
evasivo–consciencioso	12,2	3,4	0,104	11,10	3,25	0,230	4,85	0,01	–
acanhado–desenvolto	12,8	4,9	0,150	12,22	4,27	0,302	1,72	0,06	–
rígido–brando	10,2	3,6	0,110	9,52	2,83	0,201	2,97	0,01	–
confiante–desconfiado	10,7	3,2	0,098	11,10	2,79	0,197	1,81	0,05	–
prático–imaginoso	13,3	3,5	0,107	12,49	3,28	0,232	3,18	0,01	–
genuíno–requintado	10,0	2,8	0,086	10,56	2,57	0,182	2,80	0,01	–
plácido–apreensivo	10,4	3,9	0,119	11,89	3,34	0,237	5,62	0,01	–
conservador–experimentador	11,5	3,2	0,098	10,35	3,10	0,220	4,75	0,01	–
dependente–auto-suficiente	11,0	3,3	0,101	9,78	2,84	0,201	5,42	0,01	–
sem autodisciplina–controlado	9,7	3,1	0,095	10,56	2,98	0,211	3,72	0,01	–
fleugmático–tenso	12,2	4,7	0,144	13,05	4,12	0,291	2,62	0,01	–
Diagnóstico clínico (ATP):									
desajustado	–	–	–	–	–	–	–	–	19,5
fronteiriço	–	–	–	–	–	–	–	–	38,0
ajustado	–	–	–	–	–	–	–	–	42,5
infantilidade	–	–	–	–	–	–	–	–	64,0
conflitos familiares	–	–	–	–	–	–	–	–	13,0
ansiedade	–	–	–	–	–	–	–	–	43,0
agressividade	–	–	–	–	–	–	–	–	10,0
problema sexual	–	–	–	–	–	–	–	–	25,6
psicopatia	–	–	–	–	–	–	–	–	20,0

Infelizmente, esses resultados só podem ser comparados com os valores normativos respectivos no caso dos fatores de personalidade medidos através de 16 PF, porque só este teste contém os dados padronizados necessários. No caso dos testes Angelini, TAT, Raven e HTP, essa comparação não é possível.

Dos 16 fatores de personalidade obtidos pelo 16 PF, 12 apresentaram resultados significativamente diferentes dos valores normais. Assim é que, a amostra das atletas estudada, os resultados foram superiores à média normal dos seguintes fatores: sábio-despreocupado; genuíno-requintado; plácido-apreensivo; sem autodisciplina-controlado; fleugmático-tenso.

Por outro lado, apresentaram resultados inferiores à média normal os fatores: menos inteligente–mais inteligente; sensível às impressões afetivas–emocionalmente estável; evasivo–consciencioso; rígido–brando; prático–imaginoso; conservador–experimentador; dependente–auto-suficiente. É importante notar que todas essas diferenças alcançaram o nível $p < 01$.

Quanto aos fatores de ajustamento medidos através do HTP, o critério de avaliação foi do tipo 0–1, isto é, era marcado 1 apenas quando existia sinal da presença do fator de desajustamento no teste do indivíduo. Portanto, os resultados não são expressos em medida contínua, mas em percentuais que indicam a percentagem de indivíduos que apresentaram esse ou aquele sinal de desajustamento.

É interessante notar que uma percentagem bem grande dos atletas testados foram considerados como desajustados ou fronteiriços (19,5 + 38,0 = 57,5%). Apenas 42,5% ficaram na categoria ajustados. Outros dois achados interessantes é a grande percentagem (64%) de atletas indicando infantilismo e a percentagem acentuada (43%) indicando ansiedade.

A tabela 2 – Relações entre desempenho e as variáveis preditoras – apresenta os resultados obtidos através da análise com o método do x^2 aplicado às relações entre a variável dependente – desempenho – e as variáveis independentes – fatores psicológicos e fatores biográficos. Para dicotomizar as variáveis contínuas, utilizou-se o método da divisão na mediana.

Das 40 variáveis independentes ou variáveis preditoras examinadas, oito apresentaram correlações significativas com a variável desempenho a nível $p < 0{,}10$. Outras três variáveis apresentaram correlações que quase atingiram esse nível, ficando ao nível $p < 0{,}12$.

A variável sexo apresentou um coeficiente de correlação *phi* = 0,118, significativo a $p < 0{,}10$. Conforme se pode verificar no quadro 1, a relação existente entre a variável sexo e desempenho é tal que indivíduos de sexo masculino tendem a ter desempenho superior enquanto que indivíduos de sexo feminino tendem a ter desempenho inferior.

A variável região apresentou um coeficiente de correlação v de Crammer = 0,264, significativo a $p < 0{,}001$, relação de maior significância encontrada no estudo. Conforme indica o quadro 2, a relação existente entre a região e desempenho é tal que os indivíduos da região Sul tendem a ter desempenho

Tabela 2

Relações entre desempenho e as variáveis preditoras

Variável independente	x^2	gl	significância	phi
sexo	2,782	1	0,0953	0,118
região	13,937	2	0,0009	0,264*
idade	0,735	1	0,3911	0,060
escolaridade	0,360	1	0,5481	0,042
Angelini:				
física	4,082	1	0,0433	0,143
biologia	0,040	1	0,8415	0,014
cálculo	0,025	1	0,8736	0,011
persuasão	0,010	1	0,9186	0,007
burocracia	2,433	1	0,1188	0,110
social	0,800	1	0,3710	0,063
literatura	2,428	1	0,1192	0,110
artes	0,894	1	0,3444	0,067
música	0,437	1	0,5083	0,046
Raven: inteligência	1,152	1	0,2830	0,076
TAT:				
realização	1,295	1	0,2551	0,080
poder	0,001	1	0,9647	0,003
afiliação	0,036	1	0,8480	0,013
Personalidade (16 PF):				
reservado–expansivo	2,139	1	0,1435	0,103
menos inteligente–mais inteligente	0,017	1	0,8946	0,009
sensível às impressões afetivas–emocionalmente estável	1,672	1	0,1959	0,091
humilde–afirmativo	0,152	1	0,6962	0,027
sábio–despreocupado	1,331	1	0,2486	0,081
evasivo–consciencioso	0,001	1	0,9717	0,002
acanhado–desenvolto	0,920	1	0,3314	0,068
rígido–brando	0,263	1	0,6080	0,036
confiante–desconfiado	0,063	1	0,8007	0,017
prático–imaginoso	4,171	1	0,0411	0,144
genuíno–requintado	1,826	1	0,1765	0,095
plácido–apreensivo	1,037	1	0,3084	0,072
conservador–experimentador	0,739	1	0,3898	0,060
dependente de grupo–auto-suficiente	2,594	1	0,1073	0,114
sem autodisciplina–controlado	0,669	1	0,3512	0,066
fleugmático–tenso	0,372	1	0,5416	0,043
HTP:				
ajustamento	0,211	1	0,6456	0,032
infantilidade	2,757	1	0,0968	0,117
conflito familiar	0,377	1	0,5390	0,043
ansiedade	3,527	1	0,0604	0,133
agressividade	3,480	1	0,0621	0,132
problema sexual	2,978	1	0,0856	0,122
psicopatia	0,278	1	0,5974	0,037

* v de Cramer.

Quadro 1

Sexo

Desempenho	Feminino		Masculino		Total	
	Freqüência	%	Freqüência	%	Freqüência	%
1–25	33	44,0	71	57,3	104	52,3
26–380	42	56,0	53	42,7	95	47,7
Total	75	37,7	124	62,3	199	100,0

Quadro 2

Regiões

Desempenho	Sul		Centro		Norte		Total	
	Freqüência	%	Freqüência	%	Freqüência	%	Freqüência	%
1–25	45	71,4	20	40,0	39	45,3	104	53,3
26–380	18	28,6	30	60,0	47	54,7	95	47,7
Total	63	31,7	50	25,1	86	43,2	199	100,0

Quadro 3

Física

Desempenho	0–9		10–18		Total	
	Freqüência	%	Freqüência	%	Freqüência	%
1–25	41	44,1	63	59,4	104	52,3
26–380	52	55,9	43	40,6	95	47,7
Total	93	46,7	106	53,3	199	100,0

superior, enquanto que os indivíduos das regiões Centro e Norte tendem a ter desempenho inferior.

A variável interesse por física apresentou um coeficiente de correlação *phi* = 0,143, significativo a $p < 0,05$. Conforme mostrará um exame do quadro 3, a relação encontrada indica que indivíduos com resultados altos no fator interesse por física tendem a ter desempenho superior e vice-versa, isto é, indivíduos com resultados baixos nesse fator tendem a ter desempenho inferior.

A variável interesse burocrático apresentou um coeficiente de correlação *phi* = 0,110, significativo a $p < 0,12$. Conforme mostra o quadro 4, a relação encontrada indica que indivíduos com resultados altos no fator interesse burocrático tendem a ter desempenho inferior e vice-versa.

A variável interesse por literatura comportou-se de maneira idêntica à variável interesse burocrático, apresentando um coeficiente de correlação *phi* = 0,110, significativo a nível $p < 0,12$. Conforme se pode ver no quadro 5, a relação encontrada indica que indivíduos com resultados altos neste fator tendem a apresentar desempenho inferior e vice-versa.

A variável prático-imaginoso apresentou um coeficiente de correlação *phi* = 2,144, significativo a $p < 0,05$. A relação encontrada, conforme demonstra o quadro 6, indica que indivíduos com resultados elevados nesse fator tendem a apresentar desempenho superior e vice-versa.

A variável sábio-despreocupado apresentou um coeficiente de correlação *phi* = 0,114, significativo a $p < 0,11$. A relação encontrada, conforme mostra o quadro 7, sugere que indivíduos com resultados altos neste fator tendem a apresentar desempenho superior e vice-versa.

A variável infantilidade apresentou um coeficiente de correlação *phi* = 0,117, significativo a $p < 0,10$. A relação encontrada, conforme indica o quadro 8, mostra que atletas que apresentam sinais de infantilismo tendem a ter desempenho superior e vice-versa, isto é, atletas que não apresentam esses sinais tendem a apresentar desempenho inferior.

A variável ansiedade registrou um coeficiente de correlação *phi* = 0,133, significativo a $p < 0,07$. A relação encontrada indica que atletas que apresentam sinais de ansiedade tendem a apresentar desempenho superior enquanto que aqueles que não apresentam sinais de ansiedade tendem a apresentar desempenho inferior.

A variável agressividade apresentou um coeficiente de correlação *phi* = 0,132, significativo a $p < 0,07$. A relação encontrada indica que atletas que apresentam sinais de agressividade tendem a apresentar desempenho inferior enquanto que aqueles que não apresentam sinais de agressividade tendem a apresentar desempenho superior.

E finalmente a variável problema sexual que apresentou um coeficiente de correlação *phi* = 0,122, significativo a $p < 0,09$. A relação encontrada indica que atletas que apresentaram sinais de problema sexual tendem a apresentar desempenho superior enquanto os que não apresentaram sinais de problema sexual tendem a apresentar desempenho inferior.

Quadro 4

Burocracia

Desempenho	0–5		6–17		Total	
	Freqüência	%	Freqüência	%	Freqüência	%
1–25	65	57,5	39	45,3	104	52,3
26–380	48	42,5	47	54,7	95	47,7
Total	113	56,8	86	43,2	199	100,0

Quadro 5

Literatura

Desempenho	0–7		8–16		Total	
	Freqüência	%	Freqüência	%	Freqüência	%
1–25	53	58,9	51	46,8	104	52,3
26–380	37	41,1	58	53,2	95	47,7
Total	90	45,2	109	54,8	199	100,0

Quadro 6

Genuíno-requintado

Desempenho	0–12		13–21		Total	
	Freqüência	%	Freqüência	%	Freqüência	%
1–25	43	44,3	61	59,8	104	52,3
26–380	54	55,7	41	40,2	95	47,7
Total	97	48,7	102	51,3	199	100,0

Quadro 7

Suficiência

Desempenho	0–9		10–17		Total	
	Freqüência	%	Freqüência	%	Freqüência	%
1–25	44	45,8	60	58,3	104	52,3
26–380	52	54,2	43	41,7	95	47,7
Total	96	48,2	103	51,8	199	100,0

Quadro 8

Infantilidade

Desempenho	Não		Sim		Total	
	Freqüência	%	Freqüência	%	Freqüência	%
1–25	31	43,7	73	57,0	104	52,3
26–380	40	56,3	55	43,0	95	47,7
Total	71	35,7	128	64,3	199	100,0

Quadro 9

Ansiedade

Desempenho	Não		Sim		Total	
	Freqüência	%	Freqüência	%	Freqüência	%
1–25	52	46,0	52	60,5	104	52,3
26–380	61	54,0	34	39,5	95	47,7
Total	113	56,8	86	43,2	199	100,0

Quadro 10

Agressividade

Desempenho	Não		Sim		Total	
	Freqüência	%	Freqüência	%	Freqüência	%
1–25	98	54,7	6	30,0	104	52,3
26–380	81	45,3	14	70,0	95	47,7
Total	179	89,9	20	10,1	199	100,0

Quadro 11

Problema sexual

Desempenho	Não		Sim		Total	
	Freqüência	%	Freqüência	%	Freqüência	%
1–25	73	49,7	31	60,8	104	52,3
26–380	75	50,8	20	39,2	95	47,7
Total	148	74,4	51	25,6	199	100,0

5.1 *Discussão*

Com respeito às hipóteses formuladas, cabe assinalar o seguinte: *a*) os dados apresentados na tabela 1 tendem a confirmar a hipótese I; *b*) a hipótese II também recebeu razoável apoio dos dados apresentados na tabela 2 e quadros 1 a 11, que tendem a confirmá-la; *c*) a hipótese III obteve confirmação com respeito à variável auto-suficiência, foi rejeitada com relação às variáveis agressividade e dominância, e no que concerne à variável necessidade de realização os dados são inconclusivos; *d*) a hipótese IV foi rejeitada com relação à variável ansiedade e necessidade de afiliação, e quanto às variáveis instabilidade e insegurança os dados são inconclusivos; *e*) a hipótese V foi confirmada.

Apesar da confirmação satisfatória de três das cinco hipóteses formuladas, a rejeição parcial das outras duas hipóteses e a inconclusividade dos dados quanto a

determinados fatores merecem alguns comentários. No tocante à inconclusividade dos dados, com respeito a certas variáveis, cabe lembrar que o tamanho reduzido da amostra pode ter sido um dos fatores que impediram uma visão mais clara e completa da variação dessas variáveis. É possível que com uma amostra maior, talvez de uns quinhentos indivíduos, essa inconclusividade fosse evitada.

Cabe ainda assinalar que certas características peculiares da amostra estudada, como por exemplo a faixa etária (de 12 a 18 anos) dos atletas, podem ter produzido resultados que não seriam encontrados numa amostra mais ampla e com adultos. Especificamente, convém registrar que os resultados um tanto negativos no tocante a fatores de ajustamento psicológico podem ser considerados naturais tendo em vista tratar-se de uma amostra de adolescentes, para os quais esses problemas são até certo ponto normais.

No que se refere às variáveis cujas variações não ocorreram conforme havia sido hipotetizado, convém assinalar o seguinte: o fato de que as variáveis agressividade e dominância tiveram uma relação diferente do esperado, isto é, agressividade aparecendo associada com desempenho inferior, e dominância não apresentando qualquer relação significativa, pode ser atribuído a diferenças culturais que ainda não estão bem determinadas, ou seja, é possível que essas características sejam encontradas em atletas superiores estrangeiros mas não nos atletas superiores brasileiros. Outra explicação possível seria a de que uma das desvantagens do atleta brasileiro em face dos estrangeiros é exatamente a carência dessas características que são todavia encontradas nos atletas superiores estrangeiros.

Outras duas variáveis que se comportaram de maneira diversa do que fora hipotetizado foram os fatores ansiedade e necessidade de afiliação. Ansiedade apareceu associada com desempenho superior enquanto necessidade de afiliação não apresentou qualquer relação significativa. Cabe novamente especular se o nível elevado de ansiedade entre os atletas brasileiros de calibre superior não seja uma de suas desvantagens quando em confronto com atletas estrangeiros. É fato bem conhecido dos psicólogos que a ansiedade excessiva produz queda de desempenho. Quanto à variação da variável necessidade de afiliação ter sido diferente do esperado pode ser devido a diferenças culturais.

6. Conclusões

A variável que apresentou a relação mais forte com desempenho, e, portanto, se considerada isoladamente, o melhor fator preditor do desempenho atlético conforme os resultados obtidos, foi a região. Os dados são muito claros: os atletas da região Sul do país, que na análise realizada incluiu os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, tendem a apresentar desempenho superior aos atletas oriundos das regiões Centro e Norte, isto é, os demais Estados.

Quanto ao fato de os atletas masculinos tenderem a apresentar desempenho superior às atletas femininas é um dado que deve ser analisado com cuidado. Este achado por si só não caracteriza qualquer superioridade do sexo masculino. É provavelmente resultado de um conjunto de fatores socioculturais que motivam mais os elementos do sexo masculino para a prática de esportes do que as mulheres. E isto é especialmente verdade numa cultura como a brasileira, de natureza latina e com características machistas.

Finalmente, cabe concluir alertando os pesquisadores brasileiros para a total inexistência de estudos deste tipo realizados no Brasil. Nos últimos cinco anos nenhum estudo dessa natureza foi realizado no Brasil, ou pelo menos não que se tenha notícia.

É necessário que pesquisadores, tanto psicólogos como especialistas em educação física, realizem pesquisas desse gênero para que se possam levantar as características psicológicas do atleta brasileiro, a fim de se elaborarem, posteriormente, programas mais eficazes tanto de seleção quanto de treinamento do atleta. É também necessário que o governo se faça presente estimulando o desenvolvimento de projetos de pesquisas através do fornecimento de recursos materiais e financeiros necessários.

Referências bibliográficas

1. Abolin, L. M. The relationship between psychological and psysiological correlates of the emotional stability of athletes. *Voprosy Psikhologii*, v. 20, n. 1, p. 104-15, 1974.

2. Allmer, H. Automatic classification of athletes on the basis of achievement motivation scores. *Psychologie: Schweizerische Zeits crift fur Psychologie und ihre Anwendungen*, v. 32, n. 4, p. 348-59, 1973.

3. Angelini, A. L. *O papel dos interesses na escolha da profissão*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1954.

4. Antonelli, F. Psychological problems of top-level athletes. *International Journal of Sport Psychology*, v. 1, n. 1, p. 34-9, 1970.

5. Arató, O. Methodological developments in Soviet sport psychology. *Pszichologiai Tanulmanyok*, v. 12, p. 305-18, 1970.

6. Bhullar, J. Personality adjustment of sportsmen and non-sportsmen. *International Journal of Sport Psychology*, v. 5, n. 2, p. 111-6, 1974.

7. Buchler, R. On some methodological principles in sports psychology. *Pszichologiai Tanulmanyok*, v. 12, p. 301-4, 1970.

8. Burton, Elsie C. State and trait anxiety, achievement motivation and skill attainment in college women. *Research Quarterly*, v. 42, n. 2, p. 139-44, 1971.

9. Butt, D. S. Agression, neuroticism and competence: theoretical models for the study of sports motivation. *International Journal of Sport Psychology*, v. 4, n. 1, p. 3-15, 1973.

10. Carvalhaes, J. Intelligence and the soccer-player. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, v. 23, n. 2, p. 97-101, 1971.

11. Cattel, R. B. & Warburton, F. W. *Objective personality and motivation tests.* Urbana, University of Illinois Press, 1967.

12. Cratty, B. J. *Psycho-motor behavior in education and sport: Selected papers.* Springfield, Ill., Charles C. Thomas, 1974.

13. Cratty, B. J. Coaching decisions and research in sport psychology. *Quest Monograph,* n. 13, p. 46-53, Jan. 1970.

14. Dayries, J. L. & Grimm, R. L. Personality traits of women athletes as measured by the Edwards Personality Preference Schedule. *Perceptual & Motor Skills,* v. 30, n. 1, p. 229-30, 1970.

15. Dowell, L.; Badgett, J. & Hunkler, R. The relationship between high school athletic achievement and the variables of self-concept and academic achievement. *Psychology,* v. 9, n. 4, p. 48-52, 1972.

16. Epuran, M. Psychological monograph on methodological sports conditions for the introduction of psychometric evaluations in sports. *International Journal of Sport Psychology,* v. 1, n. 1, p. 40-7, 1970.

17. Fenz, W. D. Stress and its mastery: predicting from laboratory to real life. *Canadian Journal of Behavioral Science,* v. 5, n. 4, p. 332-46, 1973.

18. Fletcher, R. Correlations of EPPS personality traits and intramural participation. *Perceptual & Motor Skills,* v. 32, n. 1, p. 242, 1971.

19. Fletcher, R. Relationship between personality traits and high school athlets activity participation. *Psychology,* v. 8, n. 4, p. 40-3, 1971.

20. Fletcher, R. & Dowell, L. Selected personality characteristics of high school athletes and non-athletes. *Journal of Psychology,* v. 77, n. 1, p. 39-41, 1971.

21. Hardy, C. A. & Nias, D. K. An investigation of physical and personality factors involved in learning to swim. *Personality: An International Journal,* v. 2, n. 1, p. 1-7, 1971.

22. Heaps, R. A. Actual and perceived fitness: their relationship to psychological functioning. *Proceedings of the Annual Convention of the American Psychological Association,* v. 7, n. 1, p. 193-4, 1972.

23. Hendry, L. B. Some notions on personality and sporting ability: certain comparisons with scholastic achievement. *Quest Monograph,* cit., p. 63-73, 1970.

24. Hendry, L. B. Human factors in sports systems: suggested models for analysing athlete-coach interaction. *Human Factors,* v. 16, n. 5, p. 528-44, 1974.

25. Higgs, Susanne L. Personality traits and motor ability associated with observed competitiveness in women physical educational majors. *Perceptual & Motor Skills,* v. 34, n. 1, p. 219-22, 1972.

26. King, J. P. & Chi, P. S. Personality and the athletic social structure: a case study. *Human Relations,* v. 27, n. 2, p. 179-93, 1974.

27. Kolb, D. A.; Rubin, I. M. & McIntyre, J. M. *Organizational psychology: an experimental approach.* Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1974.

28. Kroll, W. & Lewis, G. America's first sport psychologist. *Quest Monograph,* cit., p. 1-4, 1970.

29. Kroll, W.; Loy, J.; Hosek, V. & Vanek, M. Multivariate analysis of the personality profiles of championship czechoslovakian athletes. *International Journal of Sport Psychology,* v. 4, n. 3, p. 131-47, 1973.

30. Lowe, R. & Sani, R. An investigation of the athletic personality type hypothesis. *Journal of Psychology,* v. 82, n. 1, p. 167-9, 1972.

31. Morgan, W. P. Selected psychometric considerations. *Quest Monograph,* cit., p. 5-11, 1970.

32. Mushier, C. L. Personality and selected women athletes: a cross sectional study. *International Journal of Sport Psychology*, v. 3, n. 1, p. 25-31, 1972.

33. Nagy, G. Motives of girls and boys between 8 and 15 for choosing a particular branch of sport, assessed by means of questionnaires. *Pszichologiai Tanulmanyok*, n. 11, p. 431-40, 1968.

34. _____. Psychological examination of male basketball players: a attempt at correlating personality traits, achievement and motivation. *Magyar Pszichologiai Szemle*, v. 27, n. 3, p. 370-82, 1970.

35. Nagykaldi, C. Relationship between simple reaction time and action time in soccer-players. *Magyar Pszichologiai Szemle*, v. 29, n. 1, p. 74-80, 1972.

36. Nias, D. K. & Colin, A. H. Predictors of sucess in learning to swim. *British Journal of Physical Education*, v. 2, n. 4, p. 25-7, 1971.

37. Ogilvie, C. Stimulus addiction: the sweet psychic jolt of danger. *Psychology Today*, v. 8, n. 5, p. 88-94, 1974.

38. Ogilvie, R. C. & Tutko, T. A. Sport: if you want to build character, try something else. *Psychology Today*, v. 5, n. 5, p. 61-3, 1971.

39. Raven, J. C. *Test de Matrices Progressivas*. Buenos Aires, Paidós, 1972.

40. Rushall, B. S. Three studies relating personality to football performance. *International Journal of Sport Psychology*, v. 3, n. 1, p. 12-24, 1972.

41. Russell, G. W. Machiavellianism, locus of control, agression, performance and precautionary behavior in ice hockey. *Human Relations*, v. 27, n. 9, p. 825-37, 1974.

42. Straub, W. E. Personality traits of college football players who participated at different levels of competition. *International Journal of Sport Psychology*, v. 2, n. 1, p. 33-41, 1971.

43. Thurber, S.; Heacock, D. & Brown, B. The control orientation of black athletes in relation to unobtrusive tasks of skill. *Journal of Psychology*, v. 85, n. 1, p. 43-4, 1973.

44. Tutko, T. A. Clinical aspects of sport psychology. *Quest Monograph*, cit., p. 12-7, 1970.

45. Wendt, D. T. & Patterson. T. W. Personality characteristics in intercollegiate competition. *Perceptual & Motor Skills*, v. 38, n. 3, p. 861-2, 1974.

46. White, Rhea. Sports & Esp. *Psychic*, v. 6, n. 1, p. 44-9, 1974.

47. Williams, J. G. Personality factors and the acquisition of swimming skill. *Papers in Psychology*, v. 4, n. 1-2, p. 10-1, 1970.

48. Williams, Jean M. Perceptual style and fencing skill. *Perceptual & Motor Skills*, v. 40, n. 1, p. 282, 1975.

49. Williams, Jean M.; Hoepner, Barbara J.; Moody, Dorothy L. & Ogilvie, B. C. Personality traits of champion level female fencers. *Research Quarterly, v. 41, n. 3, p. 446-53, 1970.*

50. Williams, R. L. & Youssef, Z. I. Consistency of football coaches in stereotyping the personality of each position's player. *International Journal of Sport Psychology*, v. 3, n. 1, p. 3-11, 1972.

51. Willis, J. D. & Bethe, D. R. Achievement motivation: Implications for physical activity. *Quest Monograph*, cit., p. 18-22, 1970.

52. Worthy, M. & Markle, A. Racial differences in reactive versus self-paced sports activities. *Journal of Personality & Social Psychology*, v. 10, n. 3, p. 439-43, 1970.

53. Zillmann, D.; Johnson, R. C. & Day, K. D. Provoked and unprovoked agressiveness in athletes. *Journal of Research in Personality*, v. 8, n. 2, p. 139-52, 1974.